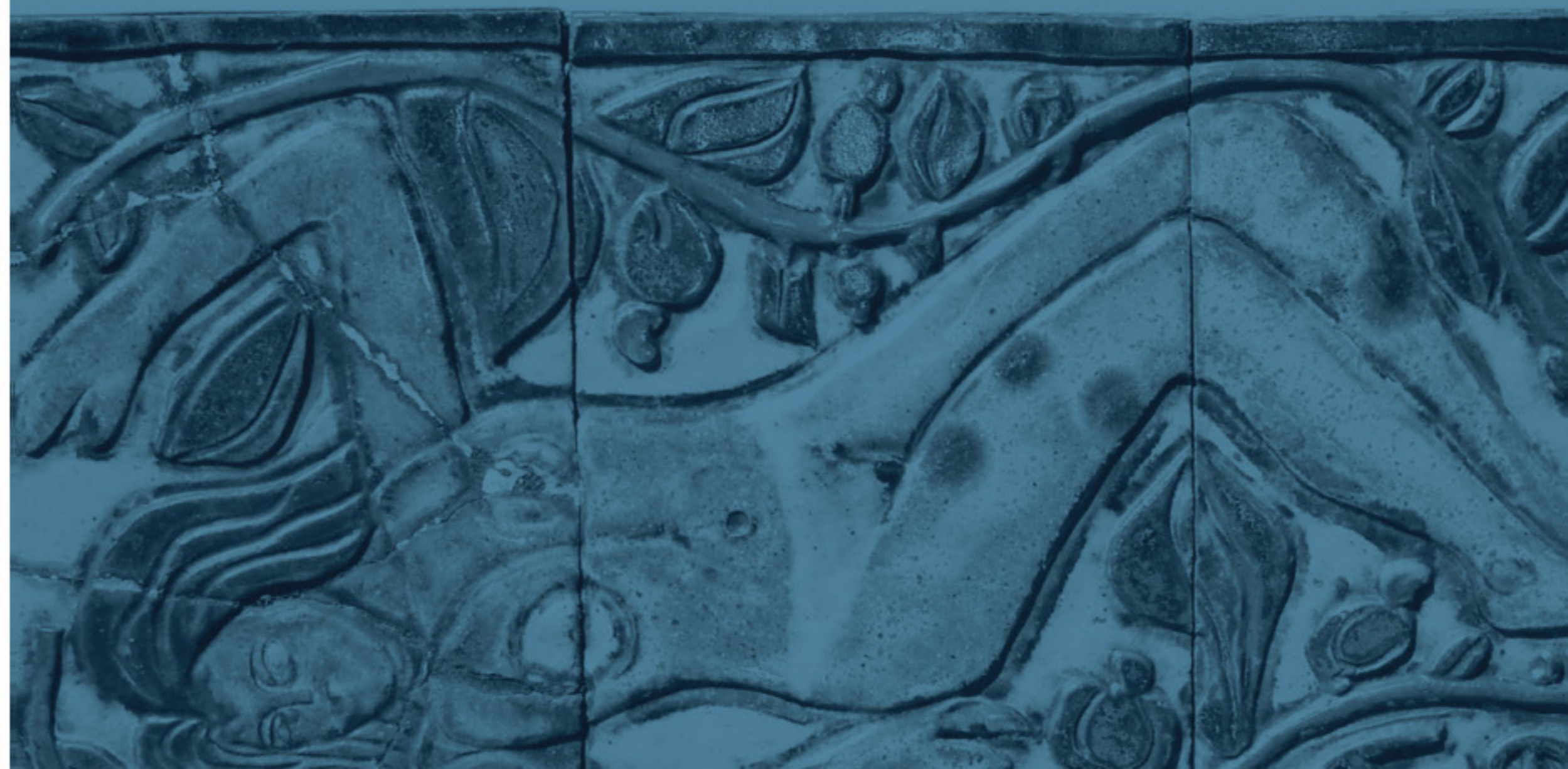




SUMÁRIO

- 9 *A arte e o sonho*
- 11 A sedução da vida e do belo
- 25 O artista: as vertentes do sonho e uma encruzilhada da vida
- 41 A semente e o bicho-papão
- 49 Em busca de um diálogo: o Movimento Armorial
- 55 Na continuação de um diálogo: a particularidade brennandiana
- 67 Afirmação nacional no "mundo do capitalismo tardio"
- 79 A história não é linear
- 87 Um novo mundo que se inicia
- 93 A vida como fio condutor
- 99 Algo de surrealista está no ar
- 111 Pintor: palheta, sonhos e formas
- 123 Muralista e as condições nacionais: Brennand
- 135 Orozco, Rivera e os vetores da realidade específica
- 143 Ceramista: a arte voa mais alto em liberdade
- 153 O encontro mágico dos destinos
- 163 Na antiga metrópole: a mensagem poética
- 169 A arte de Brennand não tem cela e nem cabresto
- 181 *Cronologia*
- 183 *Bibliografia*
- 184 *Legenda das obras*

A SEDUÇÃO DA VIDA E DO BELO





A Oficina de Brennand é seu ateliê e espaço permanente de exposição de suas obras. Quando a conheci, senti um profundo impacto. Um choque. Uma revelação. Um deslumbramento. A emoção me tomou por completo. E essa sensação tem se reproduzido em mim nesses vários anos que a visito quando vou ao Recife.

Levaram-me para conhecê-la sem que eu tivesse a dimensão do que iria encontrar. Fomos de carro pelas ruas da Várzea, antigo e tradicional bairro cortado pelo rio Capibaribe e que faz divisa com a cidade de Camaragibe, a uns vinte quilômetros do centro da cidade. Depois de um certo tempo, entramos por uma estrada de terra, bem conservada, no meio do que restou da Mata Atlântica; do lado direito, avistamos uma velha casa do tipo das existentes em antigas propriedades rurais. E, quase imediatamente, à nossa frente, como se tivesse aberto uma enorme tela de cinema, nos deparamos com os espaços iniciais da Oficina. Fomos fazendo parte daquele espetáculo. Sonho e realidade se entrelaçavam.

São construções rodeadas por um gradil de ferro fundido, desenhado pelo próprio Brennand, integradas a uma grande área verde. Árvores, caminhos, lagos e jardins bem cuidados. E, como que espalhadas, mas articuladas de forma harmoniosa, várias obras cerâmicas.

Ao atravessarmos o gradil, entramos no amplo pátio de terra com algumas árvores espaçadas e dois conjuntos de esculturas. O mais próximo da entrada, de 1981, reunia sobre a grama quatro grandes cerâmicas. *Os comediantes*: o militar, o bufão, o cavaleiro e o bispo. Estão lá, com os olhos bem abertos, os corpos fortes, bem alimentados. Sugerem que teriam como objetivo indicar o caminho aos visitantes, mas não fazem isso. Não indicam nenhum caminho, talvez por serem comediantes.

Mais adiante, em meio a um lago artificial, uma escultura de mulher alta, *A seqüestrada*, de 1986. Seus seios são fartos, pontudos e desnudos. Os cabelos impecavelmente penteados, ao estilo em moda naqueles anos. A barriga é destacada por uma cor cerâmica diferente, mais clara e volumosa, parecendo grávida. Possivelmente uma simbologia da reprodução, do renascer, da vida que se faz vida. Ela é cercada por uma fonte, que lança água para cima permanentemente, e por várias esculturas de pelicanos com longos bicos, abaixados, mas com a cabeça voltada para o visitante, como se tivessem o destino de defesa ou a prisão de *A seqüestrada*.





A SEQÜESTRADA

Tão protegida por longos bicos-espada.

Tão bela e recatada.

De longe te vejo triste, isolada.

Talvez estejas em uma ilha de sonhos e grades.

Talvez estejas rezando ou pensando.

Sei apenas que estás obrigatoriamente calada.

Mulher-poema de seios alertas e de ventre fértil,
nas tuas mãos e olhos tantos pedidos, tantas quimeras.

Eu te olho de longe e te acho bela,
mas tens um dono e ele te mantém seqüestrada.



Ao lado direito do pátio, um grande e longo galpão da antiga fábrica de cerâmica, onde Brennand construiu a Oficina.

Uma entrada nos leva a um pequeno salão ladrilhado onde estão expostas algumas cerâmicas e um quadro com uma apresentação crítica da sua obra. Nesse ambiente, temos dois destaques de extrema simbologia na obra brennandiana: a escultura de uma mulher grávida, *A matriz*, e o símbolo de Oxossi, um arco e uma seta retesada. *Oxossi* está colocado em uma parede logo atrás de *A matriz*, em uma aparente contradição: uma mulher grávida e um arco e uma flecha prontos para serem disparados. Mas a aparente contradição tem um simbolismo todo especial, todo particular, de luta pela vida e pela liberdade.

A matriz é impactante. Uma mulher grávida, com uma enorme barriga, com a mão direita repousando sobre ela, acariciando-a. Na região dos olhos, uma espécie de pano azul, uma máscara, na qual se destacam dois enormes olhos negros, bem abertos, que parecem nos olhar, dialogar conosco. Eles nos dão a sensação de serem interrogativos. Transmitem-nos uma série de impressões: aflição, preocupações, dúvidas. Medo em relação à própria gestação, como uma mãe que se

FONTE

Era um pequeno riacho...
 um fio de água, água morna e mansa...
 E se fez vivo, mais caudaloso, mais caudaloso...
 E depois como se fosse uma onda... e outra onda...
 e então era um rio que me jogava, jogava, jogava...
 e que quase me afogava.
 E me prendia e me soltava... e quase me afogava...
 ...e me jogava... jogava.
 E eu nadei, nadei, nadei acelerado.
 Braçadas largas, acelerado, acelerado...
 E era um rio, a vida, um rio...
 E eu me lancei... me lancei... e morri.
 E, enfim, saí das sombras
 E foi grande o silêncio.
 Agora apenas o arfar das fontes.
 E, enfim, descanso.



pergunta: em que mundo meu filho vai viver? Qual será o seu futuro? Ele será feliz? Nesse diálogo, parece falar da nossa responsabilidade com o mundo, com a vida. Ao lado dessa escultura, um quadro em cerâmica no qual se lê: *Immotus Nec Iners* (Imóvel, mas não inerte).

Desse pequeno salão temos, por entre grades, duas vistas parciais: uma da fábrica, onde vários homens trabalham, e outra do salão principal de exposições, no qual se avista uma seqüência de inúmeras cerâmicas. Ao lado esquerdo do galpão, um muro de tijolos aparentes vai até a entrada que nos leva ao interior da Oficina, na qual se concentra a maioria das esculturas e alguns fornos antigos.

Brennard inaugurou em dezembro de 2003, atrás da Oficina, cercada por jardins de Burrell-Marx e esculturas ao ar livre, a Accademia, local em que expõe várias de suas pinturas, e um auditório, o Auditório Heitor Vilas-Lobos, com capacidade para 130 pessoas, preparado para palestras e projeções.

A Accademia tem no centro uma área aclimatada que funciona como uma grande galeria de arte dedicada à pintura e ao desenho de várias épocas, alguns dos anos 40. É, de fato, um museu. Os quadros e desenhos expostos não estão à venda. Brennard diz que "gostaria que esse lugar ficasse como um museu definitivo das minhas pinturas e dos meus desenhos".

Ao lado esquerdo da Oficina há mais duas grandes construções: um enorme galpão, o Estádio, para apresentações, encontros de artistas nacionais e estrangeiros e, um pouco além, um outro, o Templo do Sacrifício, onde estão expostas várias obras da exposição de Brennard no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, Paraná, em 2004. Em frente ao Templo do Sacrifício, fica a Place Paul Gauguin.

Na frente da Oficina, do lado de fora do gradil, há uma praça simples, austera, com um alto mirante de granito ao centro, em homenagem à luta pela expulsão dos holandeses do Nordeste.

No muro que fica no início do caminho de lajes que leva à praça onde se localiza o Templo Geral e a entrada da Oficina, temos um quadro cerâmico de uma mulher nua que parece deitada em uma cama, tendo ao alto algumas folhas e cipós. Os lençóis parecem revoltos. Os braços estão levantados. As mãos arrumam os cabelos. Ela é toda sensualidade e nos transmite a sensação de satisfação sexual. É como se tivesse vivido uma inesquecível tarde de paixão com um amante meigo, acalorado. Uma perfeita combinação de sexo e amor. De realização extremamente prazerosa. Nos seus gestos, o cansaço, a languidez, o silêncio cúmplice.

FLUTUANDO

Cor, arte, sedução
flutua como asa-delta,
engana as curvas do vento e da solidão.
É delicada como o sentimento mais puro,
leve como a brisa no fim da tarde.
Uma borboleta ou uma ilusão?



As lajes coloridas são acompanhadas de ambos os lados por jardins bem conservados e uma profusão de obras cerâmicas: mulheres, pássaros, deuses.

A estrutura da velha fábrica foi em parte mantida. Pilastras com tijolos aparentes estão integradas naquele cenário artístico como esculturas delgadas. E interagem harmoniosamente com os jardins, as esculturas e os muros cerâmicos. Parecem nos lembrar que o antigo e o novo podem se combinar. E, neste caso, fazem uma síntese de beleza e permanência.

O conjunto é como um plano cinematográfico projetado em uma tela muito grande. Um cenário cheio de personagens. Seres mitológicos, animais, mulheres, cabeças decepadas, deuses, bustos. São esculturas cerâmicas espetadas na grama do jardim. São quadros cerâmicos que cobrem as paredes de ambos os lados, nas quais, além de representações da fauna e flora, apresentam frases, poesias, símbolos.

Nas cerâmicas, a fauna é cercada de flores e folhas da flora nordestina, mantendo-se uma tonalidade harmoniosa, única e que nos transmite energia e paz. Em um quadro cerâmico vemos uma onça. Em outro, um pássaro, talvez um bem-te-vi. Mais adiante, uma borboleta. Logo depois, um beija-flor. E, mais adiante, outra borboleta.

Ao lado direito, uma imensa cerâmica com a Mãe-Terra. Uma celebração à vida, uma defesa do ecossistema. Parece nos dizer que somos parte desse algo muito maior que é o mundo em que vivemos. Que nossa relação com a Mãe-Terra deveria ser ecológica e conscientemente responsável. Que o futuro da humanidade está na terra. E que dela fazemos parte.

Parece dizer que a história da humanidade foi pontuada por civilizações, povos, como os incas, que respeitavam a terra. E que a dinâmica do sistema mundial hoje hegemônico demonstra uma irresponsabilidade que chega a ser criminosa em relação à natureza. Que vários segmentos da sociedade, em vários países, inclusive inúmeros cientistas, alertam que a sistemática e progressiva agressão ao meio ambiente indica desdobramentos trágicos para a natureza e para a civilização. Então, somos obrigados a refletir sobre a irresponsabilidade de alguns países que são grandes poluidores, como os Estados Unidos, que não assinaram o Tratado de Kyoto.

Um pouco mais adiante duas cerâmicas com frases. Uma, do escritor Joseph Conrad, no livro *O coração das trevas*, que trata das ações dos colonialistas europeus na África negra, onde milhões de nativos perderam a vida. Ela diz do seu "horror cósmico" (Horror! Horror!). Esse livro inspirou Francis Ford-Coppola na realização do seu filme sobre a guerra do Vietnã, em que a loucura da agressão imperialista norte-americana leva ao massacre do povo vietnamita, com mais de um milhão de vietnamitas mortos, em uma lógica de guerra que se expressa em toda sua insanidade. É uma apresentação cinematográfica, plasticamente impactante, na qual o belo e o trágico se confundem, se entrelaçam, se amalgamam no monstruoso e no humano.

Brennand, com isso, quer nos dizer que sua obra e a vida trazem também essa mistura, essa estranha combinação do monstruoso e do humano, de uma dialética entre vida e morte, dor e amor?

Em outra cerâmica, a frase do próprio Brennand diz: "Não interrompam este silêncio! Não interrompam este sonho!"

Do lado esquerdo, uma grande cerâmica em forma de quadro, na qual o mestre Ariano Suassuna faz uma apresentação poética da Oficina:

"PRIMÓRDIA

Sim, o conjunto era um enorme anfiteatro,
e a laje-central um altar,
semelhantes a esses monumentos brutos de pedra
erguidos quase sempre no meio dos desertos,
ou perto de serras pedregosas e descalvadas,
ou ainda junto ao mar, às fontes e aos rios,
com implorações de piedade,
memoriais em defesa da pobre raça humana sangrentos
oferecidos a suas divindades implacáveis."



O conjunto é um resgate à vida e a tudo o que ela tem de belo, frágil, sexual e doloroso. É, ao mesmo tempo, um reconhecimento da necessidade de preservação da vida e uma defesa da harmonia entre o homem e o ecossistema.

Acima da Oficina, acompanhando toda a entrada, uma seqüência de estátuas, totens, que nos dão a impressão de homens magros, altos, com cabeça de pássaros, bicos alongados, como se fossem guardiões (daquele silêncio ou sonho?) e nos lembram deuses do antigo Egito. São os pássaros rocca surgidos da imaginação de Brennand em 1980, de alguns desenhos que ele fez e aprimorou com o tempo, transformando "em volumes escultóricos", que do cume parecem nos observar ou guardar o espaço e são para purgar os pecados. Brennand definiu o pássaro rocca como guardião da vida. Aquele que defende o ovo. Ovo como forma primordial, como elemento-emblema de imortalidade. "Nesse sentido, acredito que as coisas são eternas porque se reproduzem. A vida como um grande enigma é a história de um imenso desejo que nós não alcançamos porque é o universo em expansão", disse Brennand na entrevista que fiz com ele em 9 de janeiro de 2006, "Conversando com Brennand".

Mais adiante, avistamos uma espécie de praça, com uma estrutura quadrilátera no centro – parece um pequeno templo no meio de um grande templo. Sob ele, uma abóbada azul artisticamente decorada, com frisos de ferro, que nos lembra uma pequena mesquita.

Ao seu redor, uma profusão de obras: ovos, mulheres, homens, pássaros rocca, em vários tamanhos e formas. Nas paredes, quadros de cerâmicas: uns com desenhos e alguns com poesias. E um lago artificial com algumas obras de arte em suas margens e outras tantas dentro de suas águas, onde nadam majestosamente cisnes negros.

Tudo isso nos agarra pelos olhos, nos acelera o coração, nos apressa o passo na vontade de chegar, de admirar. Não há como ficar indiferente.

O que significa aquela construção após o fim da passarela, em meio a um pátio circundado por cerâmicas das mais variadas formas? Depois, verificamos que, sustentada no alto da abóbada, centrada no meio da construção, está uma cerâmica grande – o Ovo cósmico –, simbolizando a vida primordial, acentuando a carga mística do lugar.

João Cabral de Melo Neto escreveu:

"A FRANCISCO BRENNAND
Fechar na mão fechada o ovo
A chama em chama desateada
Em que ele fogo se desateia
E o ovo ou forno domadas
Então
Prende o barro brando no ovo
de não sei quantas mil atmosferas
que o faça fundir no útero fundo
que devolve à terra a pedra que era."



O impacto sobre nossa sensibilidade é grande. Nossa concepção de arte, da sua importância e relação com a vida, é expressão dos sentimentos, das emoções, inclusive as não racionalizadas, faz parte, está mesclada, intermediada por nossos olhos culturais, ideológicos. A apreensão que fazemos dela também tem esses condicionantes. E o próprio conceito de belo possui componentes históricos, sociais, étnicos e pessoais. Aquele ambiente, aquelas obras de arte, o conjunto como um todo dialoga conosco, com nossa "visão de mundo" sobre a arte, o belo, a vida. E seu conjunto é uma forte estocada na tradicional visão estética burguesa do belo.

Não é apenas o nosso racional, o nosso consciente que é desafiado pela arte brennandiana: o nosso inconsciente é tocado profundamente e trava com ela um diálogo de fogo. "A arte faz o inconsciente acordar", lemos em uma frase de Brennard.

A nossa primeira reação ao nos dirigirmos para a Oficina é caminhar mais rapidamente para chegar ao primeiro pátio externo, na ânsia de conhecê-la. Mas, as obras de arte que pontilham os espaços dos caminhos nos prendem, retêm os nossos passos. E o pensamento que nos diz "Não interrompam este silêncio! Não interrompam este sonho!" parece nos pedir um comportamento: o de silenciosamente irmos apreciando aquele sonho.

A nossa herança de civilização ocidental, judaico-cristã, nos faz entender – já é uma espécie de senso-comum – que o silêncio e o sonho estão ligados a uma espécie de tranquilidade, de quimera distante do mundo real. E nos lembram lugares de ermitões, monges e freiras eternamente refletindo, rezando, purgando os pecados. Mas a obra de Brennard pulsa vida. É ousada, fortemente sexuada. Ela demonstra que a vida é um processo dialético, permanente, no qual se combinam paixão e dor, encontro e desencontro, esperança e desesperança. Assim, a compreensão que temos é de que silêncio e sonho, na arte de Brennard, são de outra ordem.

O sonho e o silêncio se entrelaçam naquela Oficina, naquele mosteiro. E o artista cria um conjunto de obras em que a natureza, e com destaque o ser humano, apresenta-se em várias de suas dimensões. Simbolicamente, tudo ali está ligado à idéia de crescimento e fertilidade em um espaço mágico. Natureza e sexo perpassam o conjunto de todas as suas manifestações artísticas.

A melhor forma de apreciar o conjunto da obra exposta, como me ensinaram os vários anos seguidos de "apreciador" da obra brennandiana, é ir devagar. Parando, refletindo e deixando que o espírito seja seduzido aos poucos por cada uma das obras expostas. Sem pressa. Em silêncio.

Você vai, então, se perguntar se tudo aquilo compõe um ateliê, uma oficina, templo ou refúgio para algum deus ou deuses, se é uma espécie de mosteiro, mesmo que estranho, inexplicável. Ou um museu, onde existe uma energia vital que nos pega pela sensibilidade.

No meu diálogo silencioso de emoções e racionalizações compreendo, como disse Umberto Eco, que a obra de arte é aberta. E eu, à minha maneira, a completo, a leio, a sinto. E a conclusão a que cheguei é que o conjunto daquela obra, em constante ampliação, "movimento vivo", é um grande e colossal empreendimento artístico, amoroso, genial e tem uma energia enorme, envolvente: a energia de uma paixão.

Em minhas andanças por museus e galerias do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Paris e Amsterdã, apreciei obras de artes lindas, importantes, de artistas geniais como Paul Gauguin, Van Gogh, Picasso, Matisse, Cézanne, Rembrandt... E eram sonhos, sensações, sensibilidades... mas nada me tocou mais forte, mais íntima e completamente que o conjunto da obra brennandiana. É modernidade no seu mais profundo sentido, em que o domínio das técnicas da pintura, escultura, cerâmica percorre todas essas linguagens de forma inovadora, livre, subversiva na busca do novo e no diálogo com nossas emoções e conceitos, transformando-os, atualizando-os e, assim, modernizando-os.

O MAGO DO MUNDO DOS SONHOS

Era barro espalhado, argila de várias cores, terra em chão esquecido, sem nada plantado. O artista a ela misturou água, com maestria, na medida exata, na conta certa, com experiência acumulada, de caminhos a muito andados. Com carinho suas mãos deslizaram firmes, delicadas, precisas, educadas acariciando com prazer a terra molhada. Fez, então, surgir várias formas: vasos, pássaros, pernas, peitos e coxas. Umas eram figuras geométricas, matemáticas. Outras eram arredondadas, mescladas, delicadas. A liberdade das formas, imaginação poética de uma arte humanizada, sexuada, em que tesão, desejo, vida pulsam e explodem é abraçada ardentemente. O barro, como tivesse recebido o sopro divino, vive e o sonho vira arte.



São ao todo dez mil metros quadrados de área coberta, além de um jardim com traçado de Roberto Burle-Marx e cerca de duas mil esculturas de cerâmica. São pernas, cabeças, bundas, corpos inteiros, pássaros, flores, frases, lagos, cores articuladas, formando um conjunto integrado, em constante mutação, ampliação. E, na Accademia, são cerca de 200 quadros. Cores, sonhos, emoções, vida e arte entrelaçadas. Quadros antigos ao lado de outros mais recentes. E tudo feito por um feiticeiro, "um demiurgo" genial que fez os seus animais com uma zoologia pessoal e lhes deu "um toque de humanização", irmanando animais, folhas, flores, figuras humanas, em um desenho com forte impulso sexual e em um ecossistema único, ímpar.

Não sou crítico de arte, sou apenas um admirador da obra de Brennand. Ao escrever este ensaio sobre ela, parto da compreensão de Baudelaire, para quem a crítica não deveria ser fria ou algébrica, nem ter o pretexto de explicar tudo, mas que, sob o pretexto de não ter ódio ou amor, se tornava amorfa. Para o grande poeta, a crítica, para ser justa, isto é, para ter sua razão de ser, deve ser parcial, apaixonada, política. E é dessa forma que me coloco: de maneira parcial, apaixonada, política.

Sou, portanto, o único responsável pelas apreciações que faço, pelos comentários e conclusões que arrisco. Considero até mesmo a possibilidade de haver diferenças entre elas e as considerações que possa fazer o próprio artista. Existindo, elas farão parte do nosso diálogo democrático.

Tomei a liberdade, sob o impacto da obra brennandiana, de fazer várias poesias e publicá-las neste ensaio: A seqüestrada, Fonte, Flutuando, O mago do mundo dos sonhos, Capibaribe, Semente, No mundo novo, Em construção, Dizem, Especulação, A face e a máscara, Soltos, como pó!, Mundo, Sonhos, Frida, Cantos de luta, Dialética do amor, Mulher, Miragem, Ventos, Escultura, Vozes, Porque estou vivo, Ovo primordial, Claridade.

A primeira pergunta que me fiz nesse trabalho foi: quem é Francisco Brennand? E a resposta que encontrei é que só teria uma visão mais completa, mais integral do artista e da sua obra, se dispusesse de mais

dados sobre ele e seus familiares e amigos, de entrevistas e mais textos sobre ele e sua arte. Senti necessidade de falar com Brennand, de entrevistá-lo. Poderia assim encontrar respostas para as minhas inúmeras indagações sobre suas concepções, interesses, quadros, murais, esculturas.

Todos os livros, revistas e entrevistas que encontrei sobre Brennand e sua obra foram insuficientes para me possibilitar um conhecimento maior do ser humano "que está atrás" do artista e que é o próprio artista.

Considero que faz falta uma biografia de Brennand. Esse trabalho que ora apresento não supre essa necessidade, inclusive porque não é e nem pretende ser uma biografia, mas sim um ensaio.

Brennand é muito importante para as artes plásticas. Sua obra é uma das maiores, mais ousadas e genuínas expressões das artes plásticas criadas no Brasil. Sem sua presença é impossível se entender o seu panorama.

Brennand é importante, também e principalmente, para as futuras gerações brasileiras como parte da afirmação e permanência da enorme contribuição que nos dá o artista no campo das artes e na busca de um mundo mais humanizado.

Como grande artista que é, deve ser considerado um dos nossos patrimônios. A defesa da nossa cultura também significa a defesa da nossa afirmação nacional. Essa compreensão não significa uma visão acrítica, idealizada, de Brennand e sua obra. Somos mais livres e humanizados quando não prescindimos e nem somos proibidos da crítica, do debate, da reflexão.

Para melhor entender Brennand e o conjunto de sua obra de arte achei legítimo utilizar como fontes centrais os seus próprios comentários e as análises feitas por críticos de sua obra. Além, é claro, do que consegui captar de suas origens, formação cultural, artística e ideológica. Foram fundamentais as conversas e a entrevista que tive com ele.

Nessa busca, tive a ousadia de fazer paralelos com outros artistas e suas concepções e análises, de tentar "articular" uma espécie de diálogo entre eles e identificar pontos de semelhanças e diferenças entre a obra brennandiana e a de alguns movimentos e expressões artísticas.